



DA EDUCAÇÃO DAS MULHERES*

Ermelinda Liberato*

O percurso de luta das mulheres pela igualdade de direitos em relação ao sexo masculino, mas sobretudo de reconhecimento da sua condição de mulher, não é recente, como bem nos mostra a presente obra de Choderlos de Laclos, provando igualmente que o caminho que se tem pela frente ainda é longo, sobretudo no que toca à desconstrução de ideias, pressupostos e educação, que teima em prevalecer, apesar das grandes conquistas ao longo do século XX e XXI. E é por conta disso que, apesar dos séculos que nos separa deste a sua escrita e posteriormente publicação, a tradução da obra, edição, leitura e análise apresenta-se pertinente, atual e necessária.

Da educação das mulheres é daquelas obras que nos obriga a viajar no tempo, a mergulhar num contexto histórico em que os principais acontecimentos se desenrolaram e nos desperta para um labirinto de teias e artimanhas, em que a luta das mulheres se insere. Escrita em 1783 aquando da participação do autor no concurso organizado pela Academia Châlons-Sur-Marne, que procurava responder à questão “quais os melhores meios de aperfeiçoar a educação das mulheres?”¹ A França, país de origem do autor, estava em ebulição e se preparava para um dos períodos revolucionários mais marcantes da sua história: a Revolução Francesa (1789), e com ela, os ideias de liberdade, igualdade e fraternidade, no meio de outra revolução, desta

* Resenha da obra: LACLOS, Choderlos de. **Da educação das mulheres**. 2. ed. Trad. Luís Leitão. Lisboa: Antígona, 2019. 142 p.

* Doutora em Estudos Africanos pelo Instituto Universitário De Lisboa (Iscte-iul). Professora auxiliar da Universidade Agostinho Neto (FCS-UAN). E-mail: ermelinda.liberato@gmail.com

¹ LACLOS, 2019, p. 35.



feita científica, onde a filosofia, a ciência e a racionalidade começam a ganhar o seu espaço, em detrimento dos dogmas e do domínio religioso².

A obra está dividida em duas partes ou momentos, I – Discurso sobre a questão proposta pela Academia de Châlons-Sur-Marne (35-40), II – Das mulheres e da sua educação (41-132), antecedido por um prefácio de Teresa Sousa de Almeida (5-29) que tem a data de janeiro de 2002, que corresponde à 1ª edição. Nesta segunda edição, de 2019, os editores mantiveram a obra intacta, talvez por considerarem a sua atualidade e pertinência. Encontramos ainda, nas páginas finais da obra, uma breve resenha sobre a vida de Choderlos de Laclos (133-140), onde ficamos a conhecer o seu percurso militar enquanto oficial de carreira do exército francês em sintonia com a escrita.

Na parte I, o autor discorre sobre *quais os melhores meios de aperfeiçoar a educação as mulheres?* Movido pelo sentido do dever e de “verdade severa”³, dá a sua resposta à questão, objeto da sua tese, defendendo que, “não há nenhum meio de aperfeiçoar a educação as mulheres”⁴, na medida em que, diz o mesmo mais adiante, “a pretensa educação dada às mulheres até hoje não merece de facto tal designação”⁵ pois, “onde existe escravatura, não pode haver educação; em todas as sociedades as mulheres são escravas”⁶. E é essa condição de submissão e de subjugação que leva o autor a discorrer sobre a necessidade de melhorar a condição social da mulher que o autor começa por justificar “da mulher e da finalidade desta obra”⁷.

Os 12 capítulos que constituem a segunda parte se entrelaçam para construir um *corpus* documental que serviu, e continua a servir, não só o campo do feminismo, mas de todas as áreas do conhecimento. Nesta segunda parte o autor opõe a mulher manipulada pelo social à mulher natural, livre. No capítulo I (43-44) define a condição da mulher à época “destinada a nascer e a procriar”⁸, ou seja, de sujeição, e apresenta a sua proposta de definição da Mulher natural (cap. II) (45-46) que é, “tal como o homem,

² O século XVIII é caracterizado pelas ideias de representação de soberania e poder. Um dos documentos mais aclamados é a *Declaração dos Direitos do Homem*. De destacar igualmente o papel de Olympe de Gouges, que defendeu a *Declaração dos Direitos das Mulheres*, argumentando que estas devem ter os mesmos direitos que os homens como cidadãos, demonstrando assim que, apesar da revolução e dos seus ideais, a condição de mulher não tinha sofrido alterações significativas.

³ LACLOS, 2019, p. 36.

⁴ LACLOS, 2019, p. 35.

⁵ LACLOS, 2019, p. 36.

⁶ LACLOS, 2019, p. 39.

⁷ LACLOS, 2019, p. 43.

⁸ LACLOS, 2019, p. 43.



um ser livre e poderoso”⁹. O autor decide então demonstrar a evolução da sua condição nas diferentes fases de crescimento e desenvolvimento, da Infância (III e IV), à puberdade (cap. V), onde destaca a questão do “primeiro fluxo menstrual”¹⁰ e acoplado aos mesmos os “ardores do amor”¹¹, seguindo-se a idade viril (cap. VI) e, finalmente, da velhice e da morte (VII e VIII), caracterizada pelo autor como a “idade das doenças”¹².

Nos três capítulos seguintes (X, XI, XII), o autor discorre os seus argumentos contra o estado da natureza, onde apresenta a sua defesa contra o Sr. De Buffon, Voltaire e Rousseau, este último que considerava as mulheres naturalmente mais fracas e menos racionais do que os homens e, portanto, dependentes deles. Defende o autor que, esses são os “primeiros feitos da sociedade”¹³, ou seja, esta é a principal responsável pela escravidão das mulheres. Sentindo-se fragilizadas, as mulheres passaram às técnicas de sedução para colocar os homens na sua dependência, usando, para o efeito, da sua beleza (XI)¹⁴ e abusando dos adornos (XII)¹⁵. Nestes capítulos finais o autor deixa ainda conselhos às mulheres do seu tempo, no sentido de se alterar a imagem social, como seja, “manter um regime suave e saudável”¹⁶, que não se fatigassem, que se embriagassem, “mas de amor”¹⁷ e que não se deixassem “jamais dominar pelo mau humor”¹⁸.

Ao ousar definir uma educação que torne as mulheres livres, fortes, saudáveis e acima de tudo donas das suas decisões, o autor abre um debate que é interrompido até 1903, data da primeira publicação da presente obra, e mostra um caminho para a rutura de um sistema que contraria a existência da mulher enquanto mulher. Da leitura facilmente identificamos o percurso que desembocou na Revolução Francesa, onde destacamos, a) a ousadia do autor em defender a posição das mulheres, criticar um sistema discriminatório e propor novas ideias para alteração dessa realidade vigente a séculos, indícios da luta pela *igualdade*; b) apontar a educação como sendo uma das causas principais para essa realidade, indícios da luta pela *liberdade*; c) comparar a

⁹ LACLOS, 2019, p. 45.

¹⁰ LACLOS, 2019, p. 60.

¹¹ LACLOS, 2019, p. 62.

¹² LACLOS, 2019, p. 69.

¹³ LACLOS, 2019, p. 101.

¹⁴ LACLOS, 2019, p. 109.

¹⁵ LACLOS, 2019, p. 123.

¹⁶ LACLOS, 2019, p. 126.

¹⁷ LACLOS, 2019, p. 127.

¹⁸ LACLOS, 2019, p. 127.



condição das mulheres a dos escravos, ou seja, a *fraternidade*. Temos todos, assim mais condições para continuar com o pedido feito por Laclos no final do seu trabalho “cultivai o espírito, produzi mais ideias”¹⁹. E é essa produção de ideias que tem desbravado o caminho de luta ao longo dos séculos.

Recebido em: 03 out. 2023.

Aceito em: 24 jan. 2024.

¹⁹ LACLOS, 2019, p. 131.